

O PRISIONEIRO: UMA LEITURA ATUALIZADA DA OBRA DE ERICO VERÍSSIMO

Maria Isabel Azevedo Assis
Mestranda em Estudos Lusófonos – Universidade de Évora

Resumo: Este trabalho dedica-se a investigar a obra de Erico Veríssimo, *O prisioneiro*, a partir do cruzamento entre duas obras de ciência política, nomeadamente *A guerra em debate*, de Michael Walzer, e *Al-Qaeda e o significado de ser moderno*, de John Gray. O diálogo entre a literatura de ficção e o texto científico-filosófico permite uma releitura do texto de Veríssimo, o que possibilita avançar as reflexões sobre o caráter atual de sua obra. O tom altamente humanístico de *O prisioneiro* também é um aspecto a ser analisado nesta pesquisa, característica que liga o autor e a obra no que se refere aos valores por eles veiculados.

Palavras-chave: Erico Veríssimo – *O prisioneiro*. *O prisioneiro* – Crítica e interpretação. Literatura e Ciência Política.

Abstract: This work dedicates itself to investigate Erico Veríssimo's work, *O prisioneiro*, from the crossing between two works of political science, nominally *A Guerra em Debate*, by Michael Walzer, and *Al-Qaeda e o significado de ser moderno*, by John Gray. The dialogue between the literature of fiction and the scientific-philosophic text allows a rereading of Veríssimo's text, which makes possible to advance the reflection about the present aspect of the work. The humanistic tone of *O prisioneiro* is also an aspect to be analysed in this search, element that links the author and the work concerning the values diffused by them.

Keywords: Erico Veríssimo – *O prisioneiro*. *O prisioneiro* – Critic and Interpretation. Literature and Political Science.

Introdução

Refletir sobre os grandes conflitos e guerras que ameaçam o mundo deixou de ser, ao contrário do que muitos possam julgar, uma tarefa a cargo exclusivo dos filósofos e cientistas políticos. No campo dessas reflexões, a literatura de ficção pode ser entendida como um “lugar” onde é possível dialogar, pensar e discutir as problemáticas. O presente estudo, portanto, dedica-se a essas discussões tomando como objeto de análise a obra *O prisioneiro*, de Erico Veríssimo.

Para a realização da pesquisa, faz-se, de início, uma breve retomada da obra, a fim de se compreender melhor a temática e a abordagem empreendidas no livro. Ao estabelecer uma leitura (ou releitura) de *O prisioneiro*, duas importantes obras serão analisadas na tentativa de indicar possíveis laços entre a obra do escritor gaúcho e os textos científico-filosóficos, nomeadamente *A guerra em debate*, de Michael Walzer, e *Al-Qaeda e o significado de ser moderno*, de John Gray.

A partir das bases teóricas, três abordagens, pertinentes às obras de Walzer e Gray, são discutidas: a teoria da guerra justa, a urgência suprema e ainda o terrorismo e seus mecanismos de desenvolvimento e ação.

Finalmente, a pesquisa busca dar especial atenção ao caráter humanístico de *O prisioneiro*, elemento de relevância e que é a todo o instante realçado pelo autor na obra, o que nos permite pensar de forma mais profunda sobre o fazer literário num mundo cada vez mais repleto de violências.

Breve apanhado de *O prisioneiro*

Erico Lopes Veríssimo (Cruz Alta, 17 de dezembro de 1905-Porto Alegre, 28 de novembro de 1975), publicou o livro *O prisioneiro* no ano de 1967. Um pouco antes de sua criação, porém, Erico lera em uma revista a transcrição de um debate sobre os problemas atuais da China e, em um determinado trecho da reportagem, uma das personalidades que dialogava mencionou um fato que o deixara impressionado. Tratava-se do caso de um oficial francês que, a fim de descobrir o paradeiro de uma bomba-relógio, usara de tortura contra um terrorista argelino.

A questão ética e humana que envolvia o caso atraiu o escritor brasileiro. Suas reflexões partiram de alguns questionamentos, como por exemplo, a legitimidade de se torturar para salvar, mesmo que hipoteticamente, a vida de outros, e a afirmativa de que os fins justificam os meios.

O prisioneiro, portanto, tem como pano de fundo a guerra em um país asiático, onde uma grande potência política e militar intervém. Está evidente que a obra faz alusão à

intervenção dos Estados Unidos da América no Vietname, todavia, o autor em momento algum menciona o nome de tais países, já que seu interesse não era o de ater-se a um fato histórico isolado, ou ainda, de fazer qualquer discurso antiamericano. Como humanista, Erico dedicou-se sobretudo à criação de um livro que fosse primordialmente antiguerra.

O prisioneiro e a abordagem de Michael Walzer e John Gray

As questões que permeiam a obra de Erico Veríssimo são pertinentes ao nossos dias, em que a urgência de se pensar sobre políticas internacionais implica em trazer ao nível do discurso os conflitos presentes.

Não é possível, todavia, pensar a guerra e o terrorismo em termos puramente racionais, quer dizer, como se tais conflitos pudessem ser dissociados de pressupostos éticos ou morais. São essas questões que tornam os conflitos extremamente delicados e polêmicos, já que não se pode considerar a guerra unicamente em termos de estratégia e logística, mas deve-se considerá-la também sobre seu aspecto humano.

Em *A guerra em debate*, Michael Walzer, importante filósofo político americano, coloca em discussão os elementos de caráter ético que se justapõem à guerra, e traz ao corpo de sua obra problematizações, como a teoria da guerra justa e ainda as questões de cunho moral que perpassam aquilo que chama de urgência suprema nas guerras. Também John Gray, renomado escritor e professor do Pensamento Europeu na Escola de Economia de Londres, em *Al-Qaeda e o significado de ser moderno*, levanta relevantes reflexões sobre o terrorismo, seu aspecto moderno e seus mecanismos de atuação, e dá ao tema especial atenção tanto no que se refere às características peculiares de ação da organização terrorista Al-Qaeda como aos valores que a motivam.

As teorias concernentes a essas duas obras parecem ir ao encontro da abordagem de *O prisioneiro*, principalmente porque apresentam como tema as guerras e os fatores sociológicos e humanísticos que as envolvem. É, portanto, na tentativa de realizar um cruzamento entre as teorias de Walzer e Gray e a obra literária de Erico Veríssimo, que três abordagens são analisadas, especificamente a teoria da guerra justa, a urgência

suprema em uma situação de guerra e o terrorismo como uma forma de guerra não convencional.

A Teoria da Guerra Justa

De acordo com Michael Walzer, é possível encontrar em tempos bastante remotos o embrião dessa teoria. Fora Agostinho¹ que realizou a grande façanha de levar os cristãos ao *status* de guerreiros pela causa cristã, ou seja, por uma causa justa. Era, porém, necessário, segundo o próprio Agostinho, que essa luta estivesse sempre alicerçada nos pilares da justiça, “numa atitude humilde, sem raiva nem luxúria” (WALZER, 2004, p. 21).

Todavia a questão torna-se bastante polêmica quando se discute os fundamentos que se aplicam à teoria. Recorrer ao conceito de que um conflito pode ser justificado ou compreendido pela possibilidade de acarretar um ato que visa promover a justiça (ou mesmo o bem de pelo menos uma das partes envolvidas), suscita, inevitavelmente, questionamentos éticos e morais. Como é possível estabelecer que uma guerra é justa se em um conflito há, pelo menos, dois lados com interesses e motivações distintas? Como medir a abrangência dessa justiça, se em uma guerra é impossível não vitimar inocentes? Segundo Walzer, ao longo dos anos, as nações, no intuito de dar continuidade aos seus projetos bélicos, utilizaram-se do discurso da guerra justa, que era também, pelo menos em parte, “a linguagem da lei internacional” (WALZER, 2004, p. 23).

O cerne dessa questão pode ser encontrada em *O prisioneiro*, à medida que o autor problematiza as justificativas para a utilização das guerras como meio de obtenção da justiça e da própria paz. Na página 96, a personagem que na obra é chamada apenas de “professora”, menciona à personagem “tenente” um termo atualmente em uso – “<< ética de situação >>” – que, ainda segundo a personagem, “... bem pode ser uma espécie de conveniente carta branca” (VERÍSSIMO, 1980).

Prosseguindo na linha do debate, o tenente indaga a professora se não teria sido totalmente justificável a investida contra os nazistas; ela, por sua vez, afirma que sim, e

lança mais uma ideia ao discurso, isto é, relembra também que, se fizéssemos uma análise mais profunda, poderíamos ver que “...as potências capitalistas encorajaram e até armaram os nazistas na esperança de que eles atacassem e aniquilassem a pátria do comunismo” (VERÍSSIMO, 1980, p. 91).

O que de fato Erico parece pretender é levar ao extremo a discussão sobre a legitimidade ou a possibilidade de se aceitar irrestritamente os pressupostos para se fazer uma guerra, pondo em debate as reais intenções dos que se envolvem nos conflitos.

Michael Walzer, ainda sobre a teoria da guerra justa, chama a atenção ao caso da guerra do Vietname e a crítica moral que se desenvolveu em torno dela. Segundo o autor, o questionamento ético se deu a partir da observação não somente do conflito em si, mas principalmente da forma como os Estados Unidos agiram naquele episódio. Dentro da perspectiva da teoria, a derrota americana teria ocorrido pelo o próprio caráter de seu combate: brutal, violento e desprovido do “manto” protetor da justiça.

Ainda segundo Walzer, com a polêmica da guerra do Vietname, fora suscitada de modo acentuado a justiça como o elemento-chave para que se combata (e vença), tornando-se ela quase que “uma necessidade militar” (WALZER, 2004, p. 28).

Em *O prisioneiro*, ao fazer uso do texto literário, o autor deixa claro que duvida contundentemente de todo e qualquer sistema ou organização política e militar que não privilegie, sobretudo, o ser humano e seu direito inalienável à vida e à liberdade. Contesta, portanto, qualquer justificativa, ainda que apoiada numa pretensa busca pela justiça, que possa suprimir esses direitos humanos.

Num discurso que visa o desmascaramento, a voz da personagem professora é a que delata os macrointeresses subjacentes:

Nem os países capitalistas nem os comunistas estão *fundamentalmente* interessados na paz. O que buscam mesmo é a própria hegemonia militar nesse perigoso jogo pelo domínio mundial. O que querem, acima de tudo, é reforçar suas zonas de segurança, ampliar seus mercados, conquistar mais fontes de riquezas e de matérias-primas. Para isso precisam de soldados, de armas e de *slogans* (VERÍSSIMO, 1978, p. 76).

Urgência suprema e a questão moral

Outro cruzamento possível de se fazer entre a obra de Erico Veríssimo e o estudo de Michael Walzer diz respeito à urgência suprema em uma situação de guerra.

Walzer, ao abordar a necessidade de se tomar decisões ou posicionamentos de caráter urgente em uma determinada situação, cita o caso das forças britânicas que, no início dos anos 40, durante a Segunda Guerra Mundial, decidiram bombardear centros de cidades alemãs, onde, obviamente, encontravam-se civis. Ao tratar da questão da urgência suprema, o próprio Michael Walzer lança uma indagação:

Existe uma urgência suprema quando os nossos valores mais profundos e a nossa sobrevivência colectiva se encontram em perigo iminente, e era essa a situação nesses anos. Poderão as restrições morais ter algum domínio sobre nós em tempos como aqueles? (WALZER, 2004, p. 52).

Essa é também uma das questões latentes de *O prisioneiro*. Na ficção de Veríssimo, o problema se dá quando o tenente, incumbido de uma missão urgente, isto é, precisa descobrir o paradeiro de uma bomba que explodiria em três horas, opta (ou é forçado pela própria situação) a escolher, durante o interrogatório do prisioneiro, abandonar seus princípios éticos para obter as informações que necessita e assim salvar centenas de vidas. Na obra, arrancar do prisioneiro, a qualquer preço, a confissão, fez-se urgente, pois o insucesso da missão poderia acarretar uma tragédia ainda maior.

É aí que a questão moral intensifica-se e é justamente isso que Erico enfatiza em sua obra. Em alguns trechos, o autor expõe duas posições opostas: uma é a do poderoso exército que quer a informação sobre a bomba, baseado na justificativa de que isso evitaria inúmeras mortes. A outra, é a situação do tenente que, ao ver-se dentro do conflito, percebe o quanto seus valores enquanto homem de consciência pesam sobre suas decisões e seus atos:

O essencial é descobrir onde está a segunda bomba (VERÍSSIMO, 1980, p. 163).

- Na sua opinião, coronel, é válida a ideia de que os fins justificam os meios? (VERÍSSIMO, 1980, p. 163).

Lembre-se de que me interessam resultados e não métodos, tenente... (VERÍSSIMO, 1980, p. 166).

Erico, como um humanista convicto, prioriza sempre o aspecto ético do problema, lançando indagações sobre os limites da aplicação da máxima de que os fins justificam os meios. A questão que é trazida em *O prisioneiro* e que Michael Walzer também trata em seu livro é que, em uma guerra, a urgência suprema, que é justamente a necessidade de decidir a realização de uma ação, pode até ser baseada ou justificada pelo princípio do “bem maior”, mas, ao mesmo tempo, não se pode tão somente apoiar-se no fato de que a urgência suprema explica qualquer ato ou que pode ainda anular o caráter moral da questão.

Avançando no texto de Walzer, novamente tem-se a discussão sobre a moral dentro dessas realidades, como se lê:

A moral não é só feita de justiça. É possível levantar objeções a que se mate na guerra, mesmo na guerra justa, sempre que as coisas se tornam demasiado fáceis [...]. Quando o mundo se divide radicalmente entre aqueles que bombardeiam e aqueles que são bombardeados, as coisas tornam-se problemáticas do ponto de vista moral, mesmo que os bombardeios muitos se justificam, um ou noutro caso (WALZER, 2004).

A urgência suprema sempre será, ao que se pode perceber tanto na obra literária de Veríssimo como na pesquisa de Walzer, uma questão de grande complexidade, já que não é possível dissociar os aspectos éticos implicados.

Terrorismo: uma guerra não convencional

John Gray, em *Al-Qaeda e o significado de ser moderno*, dedica-se ao estudo sobre os mecanismos de atuação do terrorismo e os possíveis fatores que o motivam. Segundo o autor, o terrorismo, da forma como é concebido em nossos dias, tem um carácter moderno.

Para explanar essa afirmativa, Gray cita o atentado às torres gêmeas de Nova Iorque e, mencionando Martin Woof (2002), que diz que “o 11 de Setembro foi um ataque à modernidade perpetrado por fascistas islâmicos”, assevera que o próprio “Islão radical é como o fascismo, principalmente por ser inequivocadamente moderno” (GRAY, 2004, p. 35).

Ainda no que se refere a essa característica, Christopher Coker em *Terrorismo*, salienta que as mídias têm colaborado para a difusão (e até repetição) desse tipo de ato. A guerra orquestrada pelo terror tem características e aspectos peculiares. É, de acordo com Gray, uma guerra não convencional, pois alcança sucesso especificamente em detrimento da fraqueza e das falhas de segurança e comunicação dos Estados; atacam a população civil e elementos governamentais, tal como ocorreu “... no Vietname, Angola, na Malásia, na Irlanda do Norte, na Argélia e em muitos outros lugares” (GRAY, 2004, p. 91).

O terrorismo está presente como mais uma abordagem temática de *O prisioneiro*. O jovem e frágil terrorista que planejara o atentado com uma bomba-relógio era, na obra, apenas uma peça da macroengrenagem do terror. O que se discute de fato é não apenas a justificativa de se torturar e aniquilar um homem singular, no caso, o prisioneiro, para teoricamente salvar outras pessoas, mas em especial salienta-se a ação daquela que o autor denomina de “a nação eleita” (VERÍSSIMO, 1980, p. 82). Esta, em evidente ato de terror, segundo as próprias definições de Gray, atacou populações civis no Vietname. Na página 79 e 80 de *O prisioneiro*, a personagem professora critica a política de dominação e “salvamento” da grande nação:

...vocês se transformaram, talvez sem perceber, em modernos Inquisidores que a ferro e a fogo querem impor aos *hereges* a sua Salvação e o seu Céu (VERÍSSIMO, 1980).

– De acordo com a teologia política de seu Governo, tenente, este país asiático corria e corre o perigo mortal de sucumbir ao Diabo Vermelho. (VERÍSSIMO, 1980).

A crítica de Erico e seu posicionamento ao longo de toda a obra parece ir ao encontro das afirmações de Michael Walzer quando esse, em *A Guerra em Debate*, também trata sobre o terror. Para ele, não é possível admitir “... a ideia de que ‘o terrorista de um homem é o combatente pela liberdade de outro homem’” (WALZER, 2004, p. 146).

A guerra do Vietname teria sido, segundo os teóricos, como John Gray, uma guerra não convencional, característica pertinente às guerras terroristas, todavia, independentemente da nomenclatura e do que dispõem as teorias, o que fica claro em *O prisioneiro* é uma total repulsa a qualquer instituição que não possua como objetivo

maior a observação e a garantia dos direitos humanos: “Para mim o princípio básico é o de que não aceito nenhum sistema social, económico e político que não tenha como centro a pessoa humana, seu bem estar, sua liberdade e sua dignidade” (VERÍSSIMO, 1980, p. 90).

O prisioneiro e a visão humanística

Erico Lopes Veríssimo, durante sua carreira de escritor, sempre deixou transparecer uma linearidade em relação aos seus princípios, e mostrou que eles, sob hipótese alguma, poderiam ser suprimidos de sua criação literária.

O prisioneiro é uma prova cabal disso. Nele estão presentes valores humanísticos, como o direito à vida e à liberdade. Esses eram princípios que nortearam não só os rumos de sua produção artística, mas o próprio Erico Veríssimo.

Ao falar do período em que trabalhara em uma farmácia, o escritor relembra um episódio que, segundo ele, o marcaria intensamente:

Muitas de minhas lembranças fundamentais estão enraizadas naquela farmácia. Lembro-me que um dia foi arrastado para a sua sala de curativos um desconhecido de origem pobre, espancado pela polícia. Fui chamado – eu tinha onze anos – para segurar a lâmpada enquanto se faziam os curativos [...]. Naquela noite, nasceu em mim o sentimento de justiça, de repugnância pela violência, que me domina até hoje (VERÍSSIMO, apud CHAVES, 1972, p. 8).

Os princípios que ficaram tão arraigados em Erico podem ser percebidos em *O prisioneiro*, em que é possível claramente identificar uma crítica ferrenha a todo sistema que não dê primazia ao ser humano. Uma das questões latentes na obra é, portanto, a utilização da afirmativa de que os resultados abonam qualquer conduta. Na página 237, a personagem chamada “médico” lança dúvidas sobre tais justificativas: “Naquela cela subterrânea, havia uma pessoa viva de carne, osso, sangue, nervos... dotada de uma alma. Era lícito mandar torturá-la para salvar... uma abstracção?” (VERÍSSIMO, 1980).

Um pouco antes, porém, na página 236, é o médico mesmo que dá uma resposta à

indagação: “Eu não aceito a ideia de que os fins justificam os meios” (VERÍSSIMO, 1980).

Nesses breves trechos vê-se a visão humanística que o autor emprega à obra. Os diálogos de *O prisioneiro* mostram-se perfeitamente harmônicos com o posicionamento de Erico enquanto homem: “Sempre repeli com horror aqueles que, sob pretexto de nos salvarem a alma, querem queimar-nos os corpos. Não aceito a ideia totalitária de que os fins justificam os meios” (VERÍSSIMO, apud CHAVES, 1972, p. 13).

Outra temática presente na obra refere-se aos atos de violência e o preconceito aos negros que, como filhos rejeitados da grande potência, são perseguidos por uma organização racista. Embora Veríssimo não mencione seu nome, faz evidente alusão a Ku Klux Klan. A crítica é mais um eixo temático de *O prisioneiro*. Já na página 36, o tenente – fruto da união entre uma branca e um negro – relata alguns episódios que marcaram sua infância: “Na minha cidade natal, um dia uns dez ou doze homens pegaram um negro, amarraram-lhe braços e pernas e o jogaram numa fogueira cuidadosamente preparada num terreno baldio” (VERÍSSIMO, 1980).

Na continuidade de seus diálogos, a personagem revela mais lembranças. Vira, pela fresta de uma janela, “... vultos brancos com altos capuzes cónicos [...] que “...moviam-se como espectros por entre as árvores [...] ...Tinha ouvido falar naquela sociedade secreta que perseguia os homens de cor” (VERÍSSIMO, 1980, p. 62).

Ainda dando voz ao tenente, o autor usa de comparação para construir sua crítica. Quando a personagem fala sobre a prostituta nativa que morrera no atentado asiático e por quem ele se apaixonara, menciona que seu nome, que mais parece o som da letra K, suscita-lhe recordações infantis:

Não consegui aprender seus dois nomes. O primeiro me soa como a letra do alfabeto: K. É esse o <<nome>> que lhe dou. Curioso, quando menino eu associava essa letra ao título da sociedade secreta que no sul de meu país persegue os negros. Seus adeptos usam vestes brancas, escondem a cara e a cabeça sob um capuz cónico e alto, que me lembra as figuras da Inquisição que eu via em livros e revistas... (VERÍSSIMO, 1980, p. 111).

A atualidade viva de *O prisioneiro*, a abordagem crítica que o autor utiliza na obra e a

coerência entre os princípios nela expostos e os próprios valores de seu criador tornam a obra um importante instrumento de debate e discussão sobre os problemas sociais, políticos e humanísticos de nossos dias. Chamar à reflexão é, segundo o que o próprio escritor busca salientar, uma necessidade cada vez mais urgente e inevitável: “Nesses nossos tempos, a neutralidade não é possível. Não existem mais esconderijos físicos ou psicológicos no mundo. É a hora do compromisso” (VERÍSSIMO, 1980, p. 223).

Conclusão

Essa pesquisa dedicou-se à realização de uma leitura atualizada da obra de Erico Veríssimo – *O prisioneiro* – a partir do cruzamento entre as obras *A guerra em debate*, de Michael Walzer, e *Al-Qaeda e o significado de ser moderno*, de John Gray. Nesse sentido, buscou localizar, no texto de Veríssimo, a problematização das teorias levantadas por esses dois autores contemporâneos, em especial a teoria da guerra justa, a urgência suprema e o seu aspecto moral, e ainda o terrorismo e este como uma guerra não convencional.

Verificou-se, ao longo do estudo, que as teorias abordadas por Walzer e Gray podem ser perfeitamente identificadas como integrantes das temáticas de *O prisioneiro*, o que permite situá-lo não só nas esferas literárias como também sob a perspectiva dos estudos sociais e políticos.

Entretanto o presente trabalho não se ateve à observação dos laços entre a obra de Veríssimo e os estudos e teorias de Walzer e Gray, mas também debruçou-se sobre o caráter humanístico de *O prisioneiro*. No corpo ficcional, Erico discute intensamente a questão moral e ética que envolve uma guerra; o direito inalienável da Humanidade à liberdade, à vida e à dignidade; critica a utilização do preceito de que os fins justificam os meios; delata a brutalidade da guerra não convencional que os Estados Unidos travaram contra o Vietname e aborda ainda questões como violência e racismo, fazendo clara alusão aos crimes praticados pelos membros da Ku Klux Klan.

Embora o autor em momento algum mencione o nome do organismo racista nem tampouco os nomes dos países envolvidos na guerra, utiliza-se de recursos alusivos para

constituir a sua crítica. Todavia o que realmente parece importar ao escritor não são fatos restritos, mas interessa-lhe a discussão ampla das temáticas e dos problemas que dizem respeito ao Homem mergulhado em realidades conflituosas e de extrema violência.

A postura de Erico permite uma maior compreensão de seu texto, já que há profunda relação entre os valores que perpassam a obra e aqueles que norteiam o escritor. Em *O contador de histórias*, Chaves assevera: “ Suas atitudes coerentes, que incluem a defesa da liberdade de expressão, seu respeito ao homem, ligam-se no tempo e no espaço” (CHAVES, 1972, p. 9).

Como conclusão, verifica-se que são possíveis novas leituras de *O prisioneiro*, não apenas sob óticas estritamente literárias, mas outras possibilidades se abrem, uma vez que a atualidade da obra reside no fato de nela estar centrada a figura do ser humano. A discussão sobre temas que são hoje de grande relevância, como o terrorismo, a guerra e seus aspectos morais e éticos, sugere que esta é uma obra cuja abordagem pode ser uma valiosa oportunidade de se pensar a respeito dos conflitos atuais, a responsabilidade do Homem para com o homem e o papel da literatura dentro desses contextos.

Referências

CHAVES, Flávio Loureiro. *O contador de histórias: 40 anos de vida literária de Erico Veríssimo*. Porto Alegre: Globo, 1972.

COKER, Christopher. *Terrorismo*. Tradução de Rui Mário Oliveira Correia. Porto: Asa, 1989.

GRAY, John. *Al-Qaeda e o significado de ser moderno*. Tradução de Margarida Periquito. Lisboa: Relógio D'Água, 2004.

VERÍSSIMO, Erico. *O prisioneiro*. Lisboa: Livros do Brasil, 1980.

WALZER, Michael. *A guerra em debate*. Tradução de Luísa Feijó. Lisboa: Cotovia, 2004.

WOOF, Martin. [Article]. *Financial Times*, London, September 4 2002.

Recebido em 31/03/2011
Aprovado em 04/05/2011

¹ Agostinho (13 de Novembro de 354 a 28 de Agosto de 430) foi, como se sabe, um filósofo, teólogo e bispo da Igreja católica. Foi ele quem instigou os cristãos a usarem da força para a obtenção da vitória em uma causa que ele próprio considerava justa, isto é, usar a força contra os Donatistas, uma doutrina considerada pelo catolicismo como herética, a fim de fazer com que os "filhos perdidos" retornassem à fé católica.